

OS PENTECOSTAIS NOS ANOS DE 1940.

CAMPOS JUNIOR, Luis de Castro (FAFIJA)

Introdução.

A partir dos anos 40 o Brasil passou por profundas transformações as quais foram sentidas com o processo de industrialização que desencadeou uma urbanização crescente mais intensa nos anos 60 do século XX.

Até os anos 40 o Brasil era um país de população rural concentrando setenta por cento de seus ambientes no campo. Este quadro mudou em apenas trinta anos quando nos anos setenta as grandes cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte dentre outras apresentaram índices de crescimento significativos.

A cidade cresceu assim sendo resultado das intensas transformações como o deslocamento rural-urbano assinalando uma concentração demográfica desordenada e abrindo caminho para os chamados bolsões de miséria. As favelas se multiplicaram e nos dias atuais constituem um desafio para urbanistas, administradores e políticos.

Neste trabalho buscamos discutir o desenvolvimento do pentecostalismo na sociedade brasileira levando em conta sua inserção a partir de 1910 quando Louis Francescon deu início ao movimento entre a comunidade italiana na capital paulista seguido mais tarde pelos missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg que fundaram a Assembléia de Deus em Belém do Pará.

Torna-se importante destacar que até os anos 40 os grupos pentecostais estavam restritos a estes dois apresentados acima. Com a chegada da IEQ em 1946 começava um novo período também conhecido por “segunda onda” com a presença de missionários estrangeiros despertando movimentos autóctones como Igreja Pentecostal O Brasil Cristo e a Igreja Deus é Amor. A “terceira onda” ocorreu nos anos 70 e 80 dando início ao neopentecostalismo iurdiano e maior visibilidade para Romildo Soares.

Grande parte dos estudos está circunscrita aos representantes pentecostais que mais se destacam aparecendo lacunas nas pesquisas sobre

os anos 40 quando segundo Beatriz Muniz de Souza, surgem as “igrejas menores” como Avivamento Bíblico.

Por fim cabe ressaltar que os primeiros estudos pioneiros foram desenvolvidos por sociólogos e antropólogos despertando a atenção de historiadores recentemente e abrindo novos horizontes para pesquisas enfocando a história das religiões.

1. Algumas discussões sobre o Pentecostalismo.

O interesse da academia pelo pentecostalismo foi se materializando em pesquisas buscando compreender o fenômeno. Os primeiros estudos apontam para a década de 50, quando sociólogos começaram a traçar um perfil do movimento pentecostal no Brasil. Neste contexto cabe destaque para o trabalho elaborado por Beatriz Muniz de Souza. Em sua tese de livre docência, Souza forneceu as condições para a exploração de um campo até então novo, no estudo das religiões. Apoiando-se em dados estatísticos relativos ao culto protestante no Brasil, ela constatou, no período compreendido entre 1940 e 1950, acelerado crescimento do protestantismo brasileiro. Em 1940, haviam 1.074.857 protestantes. Já em 1960, este número alcançou a cifra de 3.077.916. Na mesma década de 60, os pentecostais constituíam mais de 60% dos protestantes brasileiros. De acordo com os estudos de Souza, eles estavam concentrados nas áreas urbanizadas do país. Tais áreas, segundo a autora, atravessaram rápido processo de mudança social.

A mesma autora utilizou os conceitos de seita e igreja caracterizando as principais funções da religião para seus adeptos. Segundo ela, o pentecostalismo contribuiria para adaptar os indivíduos à sociedade moderna, libertando-os de sua condição anterior, de anomia. Neste sentido, a religião tem como função ressocializar o indivíduo em função dos valores religiosos, relacionando-os à conduta e à vida prática.

No conjunto de sua obra, Souza destacou o surgimento do que ela denominou “Igrejas Menores”, no período compreendido entre 1953 a 1956. Considerou o movimento desencadeado por Harold Williams e Raymond Boatright como

“nova etapa do pentecostalismo”. Segundo esta autora, a estratégia das “tendas” permitiam as pregações de “avivamento”.

De 1953 a 1956, formaram-se, por conflitos de liderança, diversos núcleos pentecostais, tomando maior vulto com destaque para a Cruzada Nacional de Evangelização. Segundo Souza, surgiram novas congregações como: Igreja Evangélica do Espírito Santo, Igreja Cristã Evangélica Independente, Igreja Cristã Pentecostal da Bíblia no Brasil”.¹

Uma outra obra, a de Francisco Cartaxo Rolim,² também se constitui em referencial importante para a compreensão do movimento pentecostal brasileiro. Para este autor, a produção de mensagem pentecostal responde aos interesses religiosos daqueles que lhe deram adesão: as camadas pobres. Assim, o estudo sobre este movimento foi efetuado a partir das expectativas das classes sociais, levando em consideração o intercâmbio entre oferta dos bens produzidos e as demandas dos interesses religiosos.

Já em sua *Introdução ao Protestantismo no Brasil*,³ Antônio Gouvêa de Mendonça procura analisar o fenômeno pentecostal citando o período situado entre 1910 e 1950 como de “presença discreta”. Mendonça reforçou sua posição, observando que, a partir dos anos 50, chegando aos 70, as igrejas pentecostais atingiram um tal desenvolvimento que trouxeram dificuldades para o que ele denominou de levantamento completo. Seguindo seu raciocínio, ele questiona os movimentos autônomos. Serão realmente pentecostais todas as igrejas alternativas? Ou não passam de agências de cura divina, nem sequer sendo igrejas no sentido estrito do termo?

Embora não seja objeto específico de discussão do presente trabalho, sua preocupação apresentou-se como pertinente já que se verifica acelerado surgimento de subdivisões, de dissidências que permitem a formação de lideranças autônomas.

Estes grupos foram denominados de agências de cura divina, já que, além da ausência de características de igreja, não apresentam corpo de fiéis fixo, e se constituem de população flutuante.

No campo da História da Igreja, Duncan Alexander Reily,⁴ procurou fazer uma história documental do protestantismo no Brasil. Realizou pequena análise do

fenômeno pentecostal, observando o processo de fundação dos principais grupos considerados clássicos. Em linhas gerais, Reily resgatou os primeiros momentos do pentecostalismo nos EUA, para sucintamente, destacar os documentos de ramos como Assembléias de Deus e Congregação Cristã no Brasil. Da primeira, ele conseguiu reproduzir as duas versões enfocando as posições antagônicas que resultaram na cisão doutrinária da Igreja Batista em Belém do Pará. Assim, Reily citou uma “versão batista” e uma versão assembleiana. Na primeira, procurou descrever a postura tradicional frente o movimento pentecostal. Neste sentido, sua obra é importante, pois fornece subsídios para análise de documentação, a qual revela os procedimentos adotados para se combater novo tipo de doutrina.

Os estudos recentes de Freston e Mariano apontam para novas perspectivas enfocando o desenvolvimento pentecostal mas com maior ênfase nos anos 80 quando a IURD e IIGD conseguiram conquistas importantes na mídia nacional com programas, até mesmo em horário nobre como no caso da última. São contribuições para a compreensão das diferentes vertentes pentecostais e seu desenvolvimento na sociedade brasileira.

2.Contexto Histórico do Pentecostalismo nos anos 40.

O desenvolvimento do pentecostalismo brasileiro após dois anos de predomínio da Assembléia de Deus e Congregação Cristã foi marcado por um contexto no qual ocorreram transformações políticas importantes para o Brasil a partir de 1930.

No período compreendido entre 1930 e 1934, entrou em vigor o governo provisório. O Estado Novo passou a existir entre 1937 e 1945, período caracterizado por profundas transformações no mundo como a Segunda Guerra Mundial na qual o nazi-fascismo encontrou na propaganda e nos meios de comunicação um espaço fértil para sua proliferação. ⁵

No Brasil, as idéias fascistas foram disseminadas, especialmente nos grupos que estavam ascendendo à liderança política nacional.

A chegada de Getúlio Vargas ao poder em 1930 não constituiu em uma mudança de governo simples e cotidiana.⁶

Vargas possuía velha experiência como parlamentar, atuando em nível regional e federal. Em suas articulações iniciais, ele já se revelava um político disposto a dobrar e manobrar homens de diferentes forças. Suas atitudes mostravam a adoção de uma política acompanhada de ações governamentais que assumiam linha antiliberal. Associado aos tenentes, Vargas procurou institucionalizar a nova ordem, de forma gradativa. A Revolução Constitucionalista de 1932, iniciada por São Paulo, foi um dos reflexos da política centralizadora e intervencionista, que mais tarde, caracterizaria o Estado Novo.

A Revolução Constitucionalista começou em nove de julho de 1932 e durou pouco mais de três meses. São Paulo acabou derrotado pelo Exército e por forças do Rio Grande do Sul e Minas Gerais.⁷

Após o fim do conflito, foi elaborada a constituição e Vargas logo recompôs forças com a velha oligarquia paulista, juntando-se também às lideranças dos outros estados, para dar início a uma carreira de êxitos políticos, que se caracterizou pela habilidade e fina estratégia nos compromissos.⁸

Os efeitos das novas articulações estabelecidas por Vargas fizeram-se sentir nos setores que não partilhavam de suas posições políticas. Em 1930, a revolução desencadeada por ele, não reforçou a liberdade de imprensa. Em 32, após a derrota paulista, as medidas adotadas pelo Estado assumiram contornos que abalaram seriamente setores das comunicações como jornais.

O período estudado caracterizou-se pela influência do varguismo que se estruturou com a criação do Ministério do Trabalho e a Lei de Sindicalização de 1931.

Há de se ressaltar também que, mais tarde, na constituição de 1934, o trabalhador recebia atenção pela primeira vez. Esta apresentava inovações em relação à de 1891. Refletia novos direitos, obras de juristas e constituições elaboradas após a I Guerra Mundial, tendo como influência decisiva a da República de Weimar. Assim, os sindicatos e as associações foram regularizados aos poucos”.⁹

A constituição de 34 teve pouco tempo de existência e seus três anos de duração não suportaram a pressão de forças políticas que começavam no Brasil. A pregação integralista e o episódio comunista contribuíram para preparar condições favoráveis a um golpe.

Existe, no período 1937 a 1945, correspondência entre a centralização autoritária, na esfera política, e o aumento das funções organizativas do Estado.

Ao criar um regime ditatorial, Vargas nutriu-se de modelos europeus, assimilando doutrinações de influência portuguesa, espanhola e italiana da direita. Não lhe faltou o que alguns autores consideram antecedentes imediatos, reacionários ou tradicionalistas presentes no século XIX ou mesmo com ligações a um passado anterior.

A sociedade brasileira apresentava sinais de mudanças que lhe dariam novo perfil, diferente do começo do século XX.

De uma sociedade marcada pelo predomínio da estrutura agrária, passamos para uma, onde a urbanização e o movimento campo-cidade davam seus primeiros passos; onde a indústria começava a se tornar um dos sustentáculos da economia nacional.

Getúlio Vargas utilizou seu poder, elaborando posicionamentos políticos e sociais, e veiculando, através dos meios de que dispunha, que as condições de vida do operariado melhorariam, sendo dado um acesso facilitado à justiça social, mas com uma condição: os operários deveriam apoiar o tipo de Estado vigente.

Os anos 40 foram conhecidos como período em que o rádio tornou-se o principal meio de comunicação no Brasil com o surgimento de novelas e programas de auditório. O Estado Novo veiculava sua mensagem utilizando o rádio como forma de atingir todas as camadas da população brasileira.

Com o fim da II Guerra o projeto político de Vargas deu espaço ao processo de redemocratização do país. O Estado Novo perdia forças rumo ao seu fim, mas seu principal representante articulava sua volta como de fato o fez, em 1950, desta vez por eleições diretas. A redemocratização do país fez-se lenta e gradativa. A Constituição de 1946 exprimia mais o liberalismo clássico. Apresentou muitos elementos da carta de 1937. Além disso, o novo presidente, Eurico Gaspar Dutra assumiu uma “cruzada” contra tudo que representasse ameaça à democracia.

3. A Cisão Em Igrejas Protestantes Históricas: O Caso Metodista e a Igreja Evangélica Avivamento Bíblico.

A Igreja Evangélica Avivamento Bíblico teve início em São Paulo, em 1946, surgindo como pioneiros fundadores, Mário Roberto Lindstrom, Osvaldo Fuentes e Alídio Flora Agostinho.

Mas a IEAB não surgiu como movimento isolado. De forma similar aos representantes do pentecostalismo clássico, as reuniões que o originaram, tiveram lugar em uma igreja histórica: A Igreja Metodista da Vila Mazzei e Tucuruvi.

As razões que levaram ao surgimento de um "novo segmento pentecostal" apontam para uma possível contribuição da doutrina de santificação wesleyana que adaptada ao movimento de reavivamento espiritual, possibilitaram a organização da IEAB.¹⁰

Trata-se, portanto, de movimento que marcou certo tipo de cisão presente na Igreja Metodista. Se, em 1910 e 1911, os grupos atingidos pelo pentecostalismo estavam restritos a presbiterianos e batistas, na década de 40, tal influência passaria aos metodistas.

Pode-se comparar o início da IEAB em São Paulo, no período histórico similar ao surgimento da Igreja do Evangelho Quadrangular, em São João da Boa Vista, atuando primeiramente no interior paulista. O movimento das tendas de Iona iniciados por Harold Williams iria se estender a capital paulista, somente em 1951.

Neste contexto, torna-se importante saber qual grupo pentecostal influenciou de forma preponderante os fundadores da IEAB. A forma de organização administrativa deixa clara a influência metodista. Percebe-se então, já em 1946, a constituição de um ramo pentecostal, que apresentava em sua estrutura organizacional, os traços herdados de ramo do protestantismo histórico.

Igreja Metodista, em Vila Mazzei, acabou se estruturando de acordo com as exigências estabelecidas pelo Concílio Geral Metodista¹¹. A realização de cultos regulares de oração já se constituía característica deste ramo do

protestantismo histórico. Além disso, a organização dos cultos públicos, como o dominical, tornara-se comum entre os adeptos, nesta região da capital paulista.

Mas na história do pentecostalismo brasileiro, a "busca" incessante dos chamados dons espirituais tem ligação aos movimentos de oração. Como a leitura da bíblia é literal, sem necessidade hermenêutica e exegética, a contextualização não leva em conta a diferença de momentos históricos. Assim, os pentecostais consideram possível repetir a vida ascética que os primeiros crentes tinham, descrita no livro de Atos dos Apóstolos.

Esta livre interpretação, em alguns momentos desengajada de uma leitura política e social, possibilitou a transposição de prática descrita em contexto similar aos dos primeiros apóstolos, só que em pleno século XX.

Neste sentido, os pentecostais buscam como referência alguns versículos que reforçam sua interpretação, como possibilidade de novos acontecimentos que se encontram relatados nos livros do Novo Testamento.

No caso metodista a busca constante dos "dons espirituais" enfatizados pelos grupos pentecostais despertou uma reação da igreja que impunha sua disciplina aos membros mais afoitos. O primeiro pregador, Mário Lindstroem foram aluno da Faculdade de Teologia metodista em São Bernardo do Campo. Com sua liderança carismática atraiu um grupo de fiéis nas duas principais igrejas na zona norte de São Paulo sendo expulso da faculdade e da igreja após decisões conciliares.

As reuniões iniciadas pelos adeptos de Mário Lindstrom, tal como o ocorrido nas Assembléias de Deus, suscitaram um movimento contrário à liderança metodista local. Tal posicionamento se deve ao fato de maior expectativa pelos participantes nos cultos onde houvesse liberdade de expressão para as práticas pentecostais. Tal fato ocorreu na Igreja Metodista de Vila Mazzei. Nos cultos onde se enfatizavam a oração, o número de presentes era maior, em relação àqueles realizados aos domingos e caracterizados pela liturgia tradicional, existente no protestantismo histórico. Além disso, as manifestações pentecostais eram mais freqüentes em reuniões marcadas por seu aspecto informal.

No caso da IEAB, o movimento que já se espalhava pela zona norte de São Paulo, propagando pelo ABC e parte do interior, possuía condições para patrocinar novas incursões visando sua expansão.

Em sua inserção no norte do Paraná, a IEAB instalou-se em Assaí e Londrina. No entanto, acabou expandindo-se para outras localidades, utilizando as tendas de lona, em uma ação semelhante à da Igreja do Evangelho Quadrangular. As cidades do norte paranaense que apresentaram um desenvolvimento urbano intenso foram atingidas pelo movimento missionário desencadeado pelos pastores e evangelista da IEAB.

Após a estruturação do trabalho avivalista em Londrina, a cidade seguinte a ser atingida foi Cornélio Procópio. Mais uma vez as tendas de lona serviram para as mensagens de cura e salvação. Mas no caso deste ramo pentecostal, seu desenvolvimento no estado paranaense ocorreu diferente, pois, começou primeiro no interior, para depois encaminhar-se à capital, Curitiba, no final de 1959.

No final dos anos 50, a Igreja Evangélica Avivamento Bíblico se estruturava em seis igrejas, sessenta congregações e três mil membros. Alcançava o estado da Bahia e mostrava crescimento significativo para um movimento que se iniciou através da cisão doutrinária na Igreja Metodista. Além disso, mostrou um ímpeto proselitista que favoreceu o crescimento nos anos iniciais de sua atividade pentecostal. As necessidades de organização institucional já se manifestavam em 1956, com a realização da Primeira Reunião Geral de Obreiros no bairro do Jaçanã em São Paulo. Como consenso, houve a criação do primeiro Conselho Nacional.

Na década de 80 a IEAB estava presente nos seguintes estados: São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Bahia, Rondônia, Maranhão, Sergipe e no Distrito Federal. Conseguiu penetrar no Uruguai e Paraguai onde manteve sessenta e dois campos eclesiais, com cerca de trezentas congregações. Trata-se portanto de uma igreja que apresenta uma ramificação internacional.

Em 1981, para dinamizar o trabalho na Bahia, a IEAB utilizou-se das tendas de lona, na cidade de Feira de Santana, chegando depois a Alagoinhas. A metodologia de expansão foi mantida como estratégia para assegurar um crescimento nos locais onde tal segmento ainda não se instalara. De acordo com Gilberto Silva, em 1991, a IEAB apresentava 18.000 membros só na cidade de São Paulo.

Em 1996 este ramo pentecostal chegou aos 50 anos com uma série de comemorações marcadas por conferências e séries de pregações nas quais são enfatizadas as principais situações que envolveram seus membros sempre em tom triunfalista.

Conclusão.

O pentecostalismo despertou interesse da academia em função de sua explosão na América Latina e no Brasil tornando-se o maior expoente do crescimento evangélico.

Em primeiro momento as ciências sociais permitiram uma nova fase de estudos os quais abriram o campo para o aprofundamento de questões pertinentes as transformações no campo religioso brasileiro.

Os historiadores perceberam a importância do tema e passaram a contribuir com novos estudos possibilitando interpretações sobre o fenômeno, mas a maior parte das pesquisas está centrada nos grandes segmentos do movimento pentecostal como Assembléia de Deus e Igreja Universal do Reino de Deus.

A partir dos anos 40 brotaram as “igrejas menores” que se desdobraram em outros movimentos abrindo o caminho para manifestações autônomas que nem sempre conseguem expressão nacional.

No caso específico da IEAB este ramo pentecostal conseguiu grande destaque atingindo a maioria dos estados brasileiros e atingindo países próximos para se tornar uma expressão internacional mesmo que em pequena escala.

Referências Bibliográficas.

ANTONIAZZI, Alberto. Nem Anjos, Nem Demônios. Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994.

CAMPOS JUNIOR, Luis de Castro. Pentecostalismo: Sentidos da Palavra Divina. São Paulo: Àtica, 1995.

IGLESIAS, Francisco. Trajetória Política do Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Protestantes, Pentecostais e Ecumênicos. São Bernardo do Campo: Editora da UMESP, 1997.

MENDONÇA, A.G. & VELASQUES FILHO, P. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola/Ciências da Religião, 1990.

SOUZA, B. M. *A Experiência da Salvação. Pentecostais em São Paulo*. São Paulo: Duas Cidades, 1969.

ROLIM, F.C. *Pentecostais no Brasil: Uma Interpretação Sócio-Religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1985

¹SOUZA, Beatriz Muniz de. *Pentecostais em São Paulo*. São Paulo: Duas Cidades, 1969.

²ROLIM, F.C. *Pentecostais no Brasil: Uma Interpretação Sócio-Religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1985.

³MENDONÇA, A.G. & VELASQUES FILHO, P. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola/Ciências da Religião, 1990.

⁴REILY, D.A. *História Documental do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1984.

⁵Na Europa, o conflito iniciou-se com a invasão alemã na Polônia. Regimes totalitários como o nazismo e o fascismo já encontravam espaço para o desenvolvimento de suas idéias. O caso alemão, com a ascensão de Hitler e o rearmamento do exército, recrudesciu as rivalidades e necessidades de expansão na busca do “espaço vital”.

⁶IGLESIAS, F. *Trajetória Política do Brasil. 1500-1964*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p.248.

⁷ O levante propagado por São Paulo, foi a primeira manifestação contrária ao poder que Vargas começava articular.

⁸Id. Ibid.p 235.

⁹IGLESIAS, F. op. cit., p. 237.

¹⁰A fim de simplificar e evitar repetições extensas, vamos adotar a sigla IEAB: Igreja Evangélica Avivamento Bíblico.

¹¹ O metodismo teve sua origem com o teólogo John Wesley que a partir de uma experiência denominada, ‘coração aquecido’ iniciou uma série de pregações em locais como praças, não se restringindo apenas aos templos ingleses. Devido às suas reuniões constantes na Universidade de Oxford em um local previamente combinado e em horário que se repetia constantemente os jovens que formavam grupos de oração foram chamados metodistas. Após surgir na Inglaterra os metodistas foram aos Estados Unidos quando no século XIX cresceram de forma acelerado enviando missionários ao Brasil em 1835.